



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,**

**EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**ENTRAVES DA INCLUSÃO NA SALA DE RECURSOS  
MULTIFUNCIONAIS: ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA**

**MARIA ZENILDA SABINO**

**ORIENTADORA: ANA PAULA PERTUSSATI TEPERINO**

**BRASÍLIA/2015**



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**MARIA ZENILDA SABINO**

**ENTRAVES DA INCLUSÃO NA SALA DE RECURSOS  
MULTIFUNCIONAIS: ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em  
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar,  
do Departamento de Psicologia Escolar e do  
Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Ana Paula Pertussati Teperino

BRASÍLIA/2015

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

MARIA ZENILDA SABINO

### **ENTRAVES DA INCLUSÃO NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: ALUNOS COM DEFICIENCIA AUDITIVA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em \_\_\_/\_\_\_/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

ANA PAULA PERTUSSATI TEPERINO (Orientadora)

---

ALIA MARIA BARROS GONZÁLEZ NUNES (Examinadora)

---

MARIA ZENILDA SABINO

BRASÍLIA/2015

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu porto seguro, mar de calma, meu amor maior: mãe.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado dons e tudo mais o suficiente para que eu pudesse chegar a este estágio. Não tenho dúvidas de que “Tudo posso naquele que me fortalece”.

Aos meus familiares pelo amor, carinho e força.

Ao meu esposo, pelo apoio, atenção, amor e compreensão nas ausências.

Aos professores pela troca de conhecimento, a minha orientadora M.<sup>a</sup> Ana Paula Pertussati Teperino, pelas orientações, incentivo, ajuda e apoio.

A equipe gestora, professores e funcionários das escolas onde foi realizada a pesquisa, que disponibilizaram o espaço para coleta de dados para a elaboração deste trabalho.

Enfim, aos amigos, colegas e todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente para que este trabalho fosse realizado. Aqueles que acreditaram em mim, muito obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre os entraves da sala de recursos multifuncionais aos alunos com deficiência auditiva. No decorrer deste estudo, procuramos contextualizar as concepções e as tendências da inclusão, bem como interpretá-las com uma leitura da totalidade dos fatos. Neste estudo foi investigada a prática pedagógica dos professores que estão ligados a sala de recursos multifuncionais para alunos de 1º ao 9º ano do ensino fundamental. Os resultados obtidos indicam que as atividades trabalhadas na sala de recursos multifuncionais contribuem para os avanços dos alunos, embora as dificuldades encontradas são muitas. As práticas pedagógicas demonstram que aos professores faltam conhecimentos especializados e principalmente apoio das famílias e esforço do próprio aluno.

**Palavras-Chave:** Inclusão. Sala de Recursos Multifuncionais. Prática Pedagógica.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
2.1 Tipos de deficiência auditiva.....	12
2.1.1 Deficiência auditiva condutiva.....	13
2.1.2 Sensorio-neural.....	13
2.1.3 Deficiência auditiva mista.....	13
2.1.4 Deficiência auditiva central / disfunção auditiva central / surdez central.....	14
2.2 Principais causas da deficiência auditiva.....	14
2.3 O ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos.....	15
2.4 Atendimento Educacional especializado para pessoas com surdez.....	16
2.5 A importância das salas de recursos multifuncionais.....	18
<b>3. OBJETIVOS.....</b>	<b>21</b>
3.1 Objetivo geral.....	21
3.2 Objetivos específicos.....	21
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>22</b>
4.1 Fundamentação teórica da metodologia.....	22
4.2 Contexto da pesquisa.....	22
4.3 Participantes.....	23
4.4 Materiais.....	23
4.5 Instrumentos de construção de dados.....	23
4.6 Procedimentos de construção de dados.....	23
4.7 Definição das categorias de análise.....	24
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

<b>APÊNDICES.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE A: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXO A: CARTA DE APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXO B: ACEITE INSTITUCIONAL.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>42</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

No ano de 1999, tive a oportunidade de trabalhar em uma creche com as Irmãs Franciscanas em que o ensino é integral para as crianças de periferias em que as mães trabalham fora. Nessa creche trabalhei de 1999 até 2009. Logo após, tive a oportunidade de ingressar na rede estadual onde tive o meu primeiro contato com crianças com Necessidades Educacionais Especiais, foi uma experiência muito difícil, pois não tinha prática de trabalhar com crianças do ensino infantil.

No quarto ano, tive dois alunos com Necessidades Educacionais Especiais, um com baixa visão, muito tranquilo e esforçado, outro com deficiência intelectual. Não vou negar que tinha muitos problemas em uma sala com 34 crianças sendo dois com NEE. Foi mais difícil com a criança que tinha déficit cognitivo, pois ela não tinha muita concentração e não se interessava em fazer nada. A única atividade que ela gostava de fazer era tirar a roupa na sala e ficar chamando a atenção dos colegas. O ano passou e percebi que a aquela criança não teve avanços importantes.

No ano seguinte, voltei para a pré-escola e tive mais duas crianças com Necessidades Educacionais Especiais, um cadeirante e outra surda. Com esses foi muito bom trabalhar, pois tinha toda a assistência dos colegas de inclusão. Toda semana eles me auxiliavam com atividades variadas dentro do planejamento a ser desenvolvido.

Em 2014 e agora no ano de 2015, trabalhei com mais dois, um cadeirante e o outro com dificuldades associadas como baixa visão e problemas mentais. Tenho encontrado dificuldades em lidar com esse aluno, pois ele é muito agressivo, Fui orientada a desenvolver seu aspecto social e hoje ele já consegue permanecer dentro da sala com o cuidador ao lado. De vez em quando ele pinta uma atividade, coloca um jogo de encaixe, mais não faz mais de uma vez, na próxima já empurra e abaixa a cabeça, não querendo fazer nenhuma outra tarefa.

Sinto que poderia fazer mais por estas crianças, mas infelizmente temos que ter tempo disponível para confecção de materiais e infelizmente no dia a dia não temos. Mas o que está dentro da minha responsabilidade eu procuro fazer ao máximo para que eles se sintam bem no ambiente da sala. Tenho o apoio dos pais e percebo que mesmo dentro de minhas limitações eles já evoluíram em suas aprendizagens.

Diante das minhas experiências e das leituras no decorrer de todos os módulos, decidi produzir e executar minha pesquisa, sobre alunos com deficiência auditiva em duas escolas no município de Cruzeiro do Sul.

Ao observarmos essa realidade, desenvolvemos um estudo junto as professoras das salas de recursos multifuncionais nas escolas, no sentido de buscar a problematização do ensino na sala de recursos multifuncionais para alunos com deficiência auditiva, quando chegamos a vários questionamentos. Será que esses recursos que são oferecidos na sala de multimeios são adequados para alunos com deficiência auditiva? Os profissionais são qualificados para lidar com essa educação onde o surdo está inserido?

Uma das maiores problemáticas apresentadas pelos educadores, ao longo da nossa jornada acadêmica e profissional através das pesquisas e práticas pedagógicas, foi exatamente não saber o que fazer e como fazer o trabalho educacional com alunos que apresentam algum tipo de deficiência ou de transtorno de aprendizagem.

As escolas, de modo geral, têm conhecimento da existência das leis acerca da inclusão de pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) no ambiente escolar e da obrigatoriedade da garantia de vaga para estas. As equipes diretivas respeitam e garantem a entrada destes alunos, mostrando-se favoráveis à política de inclusão, mas apontam alguns entraves pelo fato de não haver a sustentação necessária, como por exemplo, a ausência de definições mais estruturais acerca da educação especial e dos suportes necessários a sua implementação.

Compreender o processo de desenvolvimento educacional dos alunos com deficiência auditiva é de fundamental importância para todos os professores, por meio os quais possam refletir sobre a maneira mais adequada de ensinar. De forma que a escrita seja significativa a seus alunos, a escola e os educadores são responsáveis pela inclusão dos alunos surdos. Alguns professores desconhecem a história da educação e da cultura surda e a forma como o surdo aprende a linguagem oral e escrita, esses conhecimentos poderiam organizar suas estratégias de ensino.

A Constituição Federal determina a garantia a todos educandos o direito de acesso aos níveis mais elevados de ensino abordando as dificuldades encontradas na escola do ensino regular. No art. 208, V, diz que o ensino fundamental é obrigatório. Por isso, é inegável que as práticas de ensino devam acolher as peculiaridades de cada aluno, independentemente de terem ou não deficiência.

Falar em inclusão hoje, não deve ser algo apenas no discurso ou no papel, deve realmente ser uma atitude. Devemos acreditar que não existem diferenças entre as pessoas, por elas apresentarem algum tipo de NEE. Todos precisam entender que estamos vivendo em uma sociedade inclusiva e que a escola é o primeiro lugar onde esta prática tem que ser efetivada.

Este trabalho pretende levar o conhecimento e discussão sobre a deficiência auditiva e investigar os entraves da inclusão na sala de recursos multifuncionais dos alunos com esse tipo de deficiência. Sabemos que a educação inclusiva é a base para uma sociedade mais justa e solidária, ao passo que se preocupa em atender todos os alunos e respeitar suas características e necessidades.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Tipos de deficiência auditiva

A audição, tal como os demais sentidos, é muito importante para o desenvolvimento do indivíduo como parte da sociedade. Durante a gestação, a audição é o primeiro sentido a ser apurado, através do diálogo da mãe com o seu bebê, dos novos sons e do conhecimento do mundo que nos rodeia. É através deste sentido que nos comunicamos com o mundo e este se comunica conosco, desenvolvendo assim a nossa identidade, os nossos sentimentos, a compreensão do mundo que está à nossa volta, os vínculos sociais, as interações intra e interpessoais e, não esquecendo, o modo como manifestamos os nossos anseios e necessidades.

Buscando na história da educação, consta que até o século XVIII, grande parte das noções a respeito da deficiência eram basicamente ligadas ao misticismo e ao ocultismo, havendo pouca base científica para o desenvolvimento de noções realísticas (MAZZOTA 2005, p.16).

A deficiência auditiva, também conhecida como surdez, consiste na perda parcial ou total da capacidade de ouvir, isto é, um indivíduo que apresenta um problema auditivo. Assim, é considerado surdo todo o indivíduo cuja audição não é funcional no dia-a-dia, e considerado parcialmente surdo todo aquele cuja capacidade de ouvir, ainda que limitada, é funcional com ou sem o uso de prótese auditiva.

Porém, não podemos tratar surdez e deficiência auditiva como termos sinônimos, pois estes se diferem, uma vez que a surdez, sendo de origem congênita, refere-se aquele indivíduo que nasce surdo, isto é, não possui a capacidade de ouvir nenhum som. Por consequência, surge uma série de dificuldades na aquisição da linguagem, bem como no desenvolvimento da comunicação, necessitando de um ensino especializado. Por sua vez, a deficiência auditiva é um déficit adquirido, ou seja, é quando se nasce com uma audição perfeita e que, devido a lesões ou doenças, perde-se. Nestas situações, na maior parte dos casos, a pessoa já aprendeu a se comunicar oralmente. Porém, ao adquirir esta deficiência, vai ter de aprender a comunicar de outra forma.

Em certos casos, pode-se recorrer ao uso de aparelhos auditivos ou a intervenções cirúrgicas, dependendo do grau da deficiência auditiva, a fim de minimizar ou corrigir o

problema. Para uma compreensão mais adequada da temática, abaixo descrevemos os tipos de deficiência auditiva:

### **2.1.1 Deficiência Auditiva Condutiva**

A perda de audição condutiva afeta, na maior parte das vezes, todas as frequências do som. Contudo, por outro lado, não se verifica uma perda de audição severa. Este tipo de perda de capacidade auditiva pode ser causada por doenças como malária, febre alta etc., ou obstruções existentes no ouvido externo ou no ouvido interno. A surdez condutiva pode ter origem numa lesão da caixa do tímpano ou do ouvido médio.

Nos adultos a perda de audição condutiva, pode ocorrer devido ao depósito de cerúmen, popularmente conhecida como cera no canal auditivo externo. Nas crianças, a otite média, uma inflamação do ouvido médio, é a causa mais comum de perda de audição condutiva.

### **2.1.2 Sensório-Neural**

A perda de audição neurossensorial resulta de danos provocados pelas células sensoriais auditivas ou no nervo auditivo. Este tipo de perda pode ser proveniente de um problema hereditário de falha cromossômica, assim como pode ser causado por lesões provocadas durante o nascimento ou por lesões provocadas no feto em desenvolvimento, tal como acontece quando uma grávida contrai rubéola.

A sujeição a ruídos excessivos e persistentes aumenta a pressão numa parte do ouvido interno, o labirinto, e pode resultar em uma perda de audição neurossensorial. Essa perda pode variar entre ligeira e profunda. Nestes casos, o recurso à amplificação do som pode não solucionar o problema, uma vez que é possível que se verifique distorção do som.

### **2.1.3 Deficiência Auditiva Mista**

Na deficiência auditiva mista verifica-se, conjuntamente, uma lesão do aparelho de transmissão e de recepção, ou seja, a transmissão mecânica das vibrações sonoras e a sua transformação em percepção estão afetadas. A surdez mista ocorre quando há ambas as perdas auditivas, condutivas e neurossensoriais.

### 2.1.4 Deficiência Auditiva Central / Disfunção Auditiva Central / Surdez Central

A deficiência auditiva Central, Disfunção Auditiva Central ou Surdez Central não são, necessariamente, acompanhadas de uma diminuição da sensibilidade auditiva. Contudo manifesta-se por diferentes graus de dificuldade na percepção e compreensão das informações sonoras. Este tipo de deficiência é determinada por uma alteração nas vias centrais da audição. Decorre de alterações nos mecanismos de processamento da informação sonora no tronco cerebral, ou seja, em parte do Sistema Nervoso Central.

## 2.2 Principais causas da deficiência auditiva

A deficiência auditiva pode ser congênita ou adquirida. A deficiência congênita surge antes do nascimento tendo como principais causas a hereditariedade, viroses maternas (rubéola, sarampo), doenças tóxicas da gestante (sífilis, citomegalovírus, toxoplasmose), ingestão de medicamentos ototóxicos (que lesam o nervo auditivo) durante a gravidez.

A deficiência auditiva adquirida ocorre devido a alterações após o nascimento, quando existe uma predisposição genética (otosclerose), meningite, ingestão de remédios ototóxicos, exposição a sons impactantes (explosão) ou viroses,

Outra forma de classificar as causas potenciais da deficiência auditiva ou a ela associadas são:

**Causas pré-natais:** a criança adquire a surdez através da mãe, no período de gestação, devido à presença destes fatores, entre outros: desordens genéticas ou hereditárias; causas relativas à consangüinidade; fator Rh; doenças infecto-contagiosas, como a rubéola; sífilis, citomegalovírus, toxoplasmose, herpes; ingestão de remédios ototóxicos; ingestão de drogas ou alcoolismo materno; desnutrição/subnutrição/carências alimentares; pressão alta; diabete; exposição à radiação.

**Causas perinatais:** quando a criança fica surda em decorrência de problemas no parto: prematuridade, pós- maturidade, anóxia, fórceps; infecção hospitalar.

**Causas pós-natais:** a criança fica surda em decorrência de problemas após seu nascimento: meningite; remédios ototóxicos, em excesso ou sem orientação médica; sífilis adquirida; sarampo, caxumba; exposição contínua a ruídos ou sons muito altos; traumatismos cranianos.

Sabemos que são várias e diferenciadas as causas que originam a surdez, embora o conhecimento científico seja ainda insuficiente para identificar todas elas.

O diagnóstico médico permite, em muitos casos, que se identifique a causa mais provável da perda auditiva, mas infelizmente nem sempre isso é possível. A ocorrência de gestações e partos com histórico complicado, bem como a manifestação de doenças maternas no período próximo ao nascimento da criança pode inviabilizar a identificação dessa causa.

É importante ressaltar que algumas pessoas apresentam perdas auditivas súbitas, quase sempre de um único lado, mas em raras ocasiões podem atingir os dois ouvidos. Pressão no(s) ouvido(s) ou "estalos" são sintomas que podem indicar o aparecimento da surdez, não só a súbita, como a progressiva, que pode atingir níveis elevados em poucos dias. A surdez súbita é acompanhada de "estalos" intensos, podendo haver vertigem ao mesmo tempo.

### **2.3 O Ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para os surdos**

As Línguas de Sinais (LS) são as línguas naturais das comunidades surdas utilizadas para estabelecer a comunicação. Ao contrário do que muitos imaginam, as Línguas de Sinais não são simplesmente mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos, mas uma língua com estruturas gramaticais próprias.

Segundo o livro “Orientações Curriculares: Proposição de Expectativas de Aprendizagem - Língua Portuguesa para Pessoa Surda” (São Paulo, 2008), apesar da perda auditiva, as pessoas surdas compreendem e interagem com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). O Decreto Federal nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, estabelece que os alunos surdos sejam submetidos a uma educação bilíngüe, na qual a Língua Brasileira de Sinais é a primeira língua e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, a segunda.

Considerada segunda língua, é esperado que o aprendizado da Língua Portuguesa pelos alunos surdos se dê mais tarde do que para os ouvintes que chegam geralmente à escola sem a Língua Brasileira de Sinais, sua primeira língua e é a partir desse primeiro contato que ele vai ter acesso a LIBRAS e sistematizar seus conhecimentos diferenciando-a dos gestos e passando a utilizá-la em seu dia-a-dia.

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua visual-espacial que preenche as mesmas funções que a Língua Portuguesa falada para os ouvintes. Ela tem um papel muito importante no aprendizado da Língua Portuguesa, uma vez que possibilitará, entre outras coisas, conhecimento de mundo e de língua com base nos quais os alunos surdos poderão atribuir sentido ao que lêem e escrevem.

Em decorrência da perda da audição, e por não terem acesso à linguagem oral, as crianças surdas geralmente são privadas de situações que as crianças ouvintes vivenciam diariamente e que respondem pela aquisição incidental do seu conhecimento, tais como conversas com a família e contação de história, o que estimula a oralidade. Em decorrência disso, geralmente as crianças surdas chegam à escola com pouco ou nenhum conhecimento da Língua Portuguesa, uma vez que as famílias, na maioria ouvintes, utilizam a modalidade oral da Língua Portuguesa. Além disso, elas ainda desconhecem a Língua de Sinais.

É na escola que a criança surda constrói sua primeira relação tanto com a Libras quanto com a Língua Portuguesa, sendo esperado que o aprendizado da segunda língua seja intermediado pela Língua Brasileira de Sinais.

#### **2.4 Atendimento Educacional Especializado para pessoas com surdez**

Ao falarmos em inclusão devemos ter em mente que não lidamos apenas com limites e potencialidades distintas, mas com situações de visível preconceito enfrentadas por estes indivíduos nas mais diversas situações do seu cotidiano escolar, mais precisamente voltado para as propostas educacionais que não os beneficiam.

Para Poker (2002) as trocas simbólicas provocam as capacidades representativas desses alunos, favorecendo o desenvolvimento do pensamento e do conhecimento, em ambientes heterogêneos de aprendizagem, ou seja, faz-se necessário esta relação de convívio social para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos. Porém, deve-se ressaltar que apesar de tanta ênfase no processo de inclusão dos alunos com surdez nas turmas de ensino comum, temos alguns posicionamentos contrários que mostram que estes indivíduos não estariam inseridos plenamente neste ambiente educacional, pois seriam excluídos por serem tachados como incapazes dentro de uma proposta pedagógica que não considera a diversidade lingüística como afirma Skliar (1999) apud DAMÁZO, pois se trata de uma Educação Especial excludente que não respeita a identidade surda, sua cultura, sua comunidade.

Dentro disso, são inúmeras as discussões em relação a estes confrontos de opiniões no que diz respeito a inserção do aluno surdo na escola de ensino regular, se fazendo importante buscar novos caminhos que priorizem a socialização destes indivíduos dentro e fora da escola. A inclusão do aluno surdo deve ter início desde a educação básica sendo este assistido em todos os seus direitos escolares que irão possibilitar o exercício de sua cidadania de acordo com os princípios constitucionais.

Incluir os alunos requer buscar mecanismos adequados para facilitar a participação e favorecer a aprendizagem, lembrando que os professores devem conhecer e utilizar adequadamente a Língua de Sinais. Entretanto, isso não é o suficiente para garantir a escolarização do aluno com surdez. A escola tem papel fundamental, pois necessita elaborar ações que beneficie estes alunos, pois mais do que a utilização de uma língua, os alunos com surdez necessitam de ambientes educacionais que os estimulem, que os desafiem a explorar suas potencialidades.

Segundo a Revista Brasileira Linguística (2014), deve-se ressaltar que o ensino aos alunos com surdez nas escolas comuns deve ser desenvolvido num ambiente bilíngue, ou seja, em um espaço que sejam utilizadas ambas as línguas. Este ponto é importante para que o aluno desenvolva suas habilidades linguísticas.

Todo trabalho escolar deve ser pensado e elaborado. Assim, o planejamento deve ser elaborado conjuntamente pelos professores que ministram aula em Libras, os professores de classe comum e os professores de Língua Portuguesa para pessoas com surdez. O planejamento coletivo inicia-se com a definição do conteúdo curricular, o que sugere que os professores realizem pesquisas visando um enriquecimento sobre o assunto a ser ensinado, dando origem ao seu plano de curso. Em seguida, eles preparam os cadernos de estudo do aluno, dos quais os conteúdos são inter-relacionados. Desta forma, temos um plano de curso adaptado as necessidades educacionais destes alunos visando sempre o bem estar dos mesmos e uma aprendizagem eficaz.

Os professores selecionam e elaboram os recursos didáticos para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) em Libras e em Língua Portuguesa, respeitando as diferenças entre os alunos com surdez e os momentos didático-pedagógico em que serão utilizados. Os alunos com surdez são observados por todos os profissionais que direta ou indiretamente trabalham com eles, as observações são nos seguintes aspectos: sociabilidade, cognição, linguagem, afetividade, motricidade, aptidões, interesses, habilidades e talentos. Tais observações são necessárias para que sejam detectadas as dificuldades dos alunos e sejam trabalhadas para que futuramente não se tornem obstáculos para o desenvolvimento desses alunos.

O AEE inicia com o diagnóstico do aluno, ocorrendo diariamente em horários contrários às aulas, ou seja, no contra turno, na sala de aula comum. Esse trabalho é realizado pelo professor ou instrutor de Libras, de acordo com o estágio de desenvolvimento da Língua de Sinais em que o aluno se encontra. O professor deve sistematizar o seu trabalho respeitando as especificidades dessa língua, principalmente o estudo dos termos científicos a

serem introduzidos pelo conteúdo curricular. Eles procuram os sinais em Libras, investigando em livros e dicionários especializados, internet ou mesmo entrevistando pessoas adultas com surdez.

A equipe escolar deve avaliar os alunos surdos em relação ao aprendizado e domínio da Língua Portuguesa enfatizando o estudo desta língua nos níveis morfológico, sintático e semântico/pragmático, como são atribuídos os significados as palavras e como ocorre a organização delas nas frases e textos de diferentes contextos, levando os alunos a perceberem a estrutura da língua através de atividades diversificadas, procurando construir um conhecimento já adquirido naturalmente pelos alunos ouvintes.

Para conseguir trabalhar dentro da proposta educacional inclusiva, o professor precisa contar como respaldo de uma direção escolar e de especialistas como orientadores, e supervisores educacionais, que adotam um modelo de gestão escolar verdadeiramente participativa e descentralizada. A jornada de trabalho é constituída com participação de todos os alunos, que socializam o aprendizado e avaliam a produção obtida. O aluno com surdez participa igualmente de todos esses momentos: planejamento, execução, avaliação e socialização.

## **2.5 A importância das salas de recursos multifuncionais**

As salas de recursos multifuncionais devem funcionar como suporte no processo de aprendizagem consentindo ao aluno acesso ao conhecimento. Constitui-se como parte diversificada do currículo e não pode ser entendida como reforço ou recuperação de aprendizagem e nem se caracteriza como mera repetição dos conteúdos programáticos já desenvolvidos em sala do ensino regular. O professor que atua na sala de recursos multifuncionais precisa entender que a sua função deve extrapolar as ações internas da sala estendendo-se ao apoio de professores que atuam com o processo de inclusão em salas regulares de modo a ajudá-lo na busca de alternativas diferenciadas que lhe permitam a realização de um trabalho mais eficiente e socializador.

Por outro lado, a sala de aula é um espaço onde a diversidade e as diferenças precisam ser entendidas como elementos construtores do desenvolvimento. É um espaço escolar que se diferencia em função das relações e ações que ocorrem em seu interior. O professor e os alunos são considerados as figuras principais da sala de aula, que se relacionam em um processo de encontro e desencontros configurado na diferença e semelhança existente

entre eles. O espaço da sala de aula precisa estabelecer um clima saudável e facilitador da aprendizagem. O professor precisa desenvolver ações educativas a partir do conhecimento do aluno. Para que isso ocorra, o professor precisa assumir o papel de mediador do saber respeitando seus alunos, reconhecendo e valorizando os seus saberes, despertando neles atitudes de busca, de investigação e de pergunta. Nesse processo de ação, reflexão e ação, o aluno aprende a pensar e entender como se constrói o seu próprio conhecimento. A sala de aula, portanto, deve ser o palco das experiências prazerosas e exitosas capaz de transformar o processo de ensino aprendizagem em algo que instigue alunos e professores a seguir em frente acreditando que mesmo com excelência o melhor está por vir.

Para que ocorra uma ação integrada no processo educativo, o planejamento se constitui como elemento articulador entre os diferentes segmentos, de modo que, cada partícipe seja ao mesmo tempo idealizador, planejador e executor da ação, possibilitando sistematicamente a análise reflexiva de todo o processo ao falar sobre o planejamento Esclarín (2002) assim se expressa:

Só educaremos para a vida se a escola, os programas, os conteúdos estiverem imersos na realidade e na vida cotidiana do aluno, de sua família, do bairro, do povoado, da cidade e do país. O autêntico planejamento parte da experiência, dos saberes, sentimentos e necessidades dos alunos, de tal modo a mergulhar a prática escolar na prática social cotidiana de suas vidas. (ESCLARÍN, 2002, p. 134)

Como é possível perceber, o planejamento da prática docente precisa ser articulado com a realidade vivenciada na e pela escola que se fortalece através da participação de seus diferentes segmentos e pela somatória de experiências e saberes de cada cidadão. Nessa caminhada contínua em busca da eficiência docente é importante perceber a concepção de Campbell (2009), que afirma que o Professor eficiente é aquele que observa seus alunos, percebendo suas dificuldades, potencialidades e desenvolve práticas que visam, ao máximo, ao desenvolvimento de cada um e de todos, utilizando métodos diferenciados de ensino e de avaliação, respeitando as limitações de cada um, buscando formas cooperativas e colaborativas que propiciem a integração do conjunto de seus alunos. (CAMPBELL, 2009, p. 159).

O professor precisa executar suas atividades sem perder de vista a necessidade e a especificidade de cada aluno da turma e do conjunto de experiências trazidas para a sala de aula. É pela diversidade que aprendemos a construir alternativas diferenciadas de aprendizagem. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o currículo como ferramenta básica de escolarização, busca dimensionar o sentido e o alcance que se pretende

dar às adaptações curriculares como estratégias e critérios de atuação docente e admitem decisões que oportunizam adequar a ação educativa escolar às maneiras peculiares de os alunos aprenderem, considerando que o processo de ensino-aprendizagem pressupõe atender à diversificação de necessidades dos alunos na escola (PCN, 1998).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais flexibilizam a utilização de diferentes estratégias de ação docente desde que tais ações contemplem a diversidade e necessidade de cada aluno. A adaptação curricular não pressupõe, necessariamente, mudança de currículo e sim ajustes que possam facilitar a aprendizagem do aluno.

A inclusão impõe o diálogo entre os mais diversos profissionais e organizações e torna-se um aprendizado para que as portas sejam mantidas abertas para um constante ir e vir de todos os atores envolvidos: alunos, professores, especialistas e profissionais da área da saúde (BATISTA, 2008: In MANTOAN, 2008, p. 128). O processo educativo é necessariamente dialógico, não podemos fazer educação de forma isolada. O fluxo de comunicação permite a troca de saberes e experiências que se acumulam construindo as competências e habilidades que permitem aos professores e alunos a elaboração de conceitos e práticas pedagógicas que servem de alicerce para a troca contínua de conhecimentos.

No percurso da inclusão, os professores ampliam e elaboram suas competências e habilidades a partir das experiências que já têm. A formação continuada considera a formulação dos conhecimentos do professor, sua prática pedagógica, seu contexto social, sua história de vida, suas singularidades e os demais fatores que o conduziram a uma prática pedagógica acolhedora (FIGUEREDO, 2008: In MANTOAN, 2008, p. 144).

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Investigar os entraves da inclusão na sala de recursos multifuncionais dos alunos com deficiência auditiva.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- ✓ Conhecer como acontece a rotina do professor dentro da escola.
- ✓ Investigar como ocorre o planejamento das atividades.
- ✓ Conhecer a realidade da sala de aula do professor.
- ✓ Investigar a experiência, a aptidão e a formação do profissional.
- ✓ Investigar quais são as dificuldades encontradas pelo professor na sala de recursos, que dificultam o processo de aprendizagem do aluno.

## **4 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS**

Esta pesquisa seguirá uma abordagem qualitativa, ou seja, sem a preocupação com estatísticas, considerando, assim, como Silva e Menezes, o “vínculo indissociável entre o mundo subjetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números” (2001, p. 20). Para alcançar os objetivos propostos, serão utilizados dois procedimentos metodológicos: questionário semiestruturado com três professores atuantes no AEE e com duas profissionais que atuam na sala de recursos multifuncionais, além de observações em campo.

O roteiro será elaborado a partir da compreensão de dados dos questionários, pois consideramos ser esse instrumento o mais adequado para o levantamento de dados desta pesquisa. Os entrevistados foram os professores, questionados sobre o comportamento e aprendizagem dos seus alunos e sobre as condições de trabalho em situações que dizem respeito ao tema desse estudo.

### **4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia**

Acreditamos que o pesquisador e o trabalho de campo não são neutros, sendo um estudo que busca se aproximar ao máximo da representação do real. Como aponta Pletsch (2010, p. 137), “[...] na etnografia não há apenas uma descrição do ambiente pesquisado, mas também uma reflexão mais ampla da sociedade em foco”. Portanto, os procedimentos utilizados nesta pesquisa para atingir os objetivos traçados foram a observação de campo, questionário semiestruturado e análise de dados, onde se fez necessário um estudo teórico metodológico nas obras de alguns autores.

### **4.2 Contexto da Pesquisa**

A pesquisa realizada aconteceu em duas escolas estaduais de ensino fundamental do município de Cruzeiro do Sul/Acre, sendo uma delas a escola considerada que possui a sala de recursos multifuncionais mais completa da cidade. A escola oferta apenas uma sala de recursos multifuncionais para comportar todos alunos da escola e ainda atende alguns alunos de outras escolas no contra turno. O ambiente é adaptado a estes alunos, possui vários jogos, atividades, cartazes com letras grandes e legíveis, televisão, livros próprios, móveis adaptados, além de profissionais especialistas na área para acompanhar o público alvo.

A outra escola não possui uma sala específica para o acompanhamento dos alunos, utilizando atualmente, um espaço improvisado com restrição nos recursos disponibilizados.

### **4.3 Participantes**

Esta pesquisa teve como participantes cinco professores da rede estadual de ensino, que trabalham em duas escolas, além da participação do pesquisador que colabora de forma direta para que os resultados sejam obtidos. Todos participantes são do sexo feminino e foram identificadas como professora 1 (32 anos), professora 2 (30 anos), professora 3 (51 anos), professora 4 (46 anos) e a professora 5 (30 anos). As professoras 2, 3, 4 e 5 são formadas em Pedagogia, enquanto a professora 1 se formou em História e possui especialização em Educação Especial.

### **. 4.4 Materiais**

Como recursos para realização deste trabalho foram utilizados: gravador de voz, câmara fotográfica, impressora e notebook.

### **4.5 Instrumentos de Construção de Dados**

Como instrumentos para construção de dados desta pesquisa, foram utilizados: roteiro de entrevista semi-estruturada ( Apêndice A) e protocolos de observação. Enfatizamos que quatro professoras realizaram o questionário de forma escrita e uma delas optou por ser de forma verbal, devido à restrição de tempo, porém o relato foi gravado em áudio para assegurar a fidelidade das informações

### **4.6 Procedimentos de Construção de Dados**

Os procedimentos para construção de dados desta pesquisa focaram pela busca de uma investigação sobre os alunos com deficiência auditiva na sala de recursos multifuncionais em duas escolas estaduais de ensino fundamental da cidade de Cruzeiro do Sul/Acre. Para isso, preparamos um roteiro de questionário semi-estruturado para ser realizado com cinco professores atuantes da área.

Iniciamos a pesquisa de campo com observações e visita à escola, onde fizemos a apresentação dos nossos objetivos para a equipe gestora e professores atuantes na sala de recursos multifuncionais. Posteriormente, tivemos contato com os cinco professores que foram entrevistados para a coleta de dados, dois deles fazem parte da sala de recursos multifuncionais e os outros três são atendentes de AEE (Atendimento Educacional Especializado), após uma breve conversa e assinatura da carta de aceite, marcamos a data da entrevista, quando estes profissionais autorizaram a publicação dos dados coletados. Cada dia da semana foi destinado a uma entrevista, sendo tardes de muita troca de informações e muito aprendizado.

#### **4.7 Definição das categorias de análise**

Como procedimentos de análise, a leitura foi um fator principal, além das várias escutas dos áudios, onde tiramos os dados coletados, sobre os entraves da sala de recursos multifuncionais com alunos com deficiência auditiva. Foi realizada uma comparação dos questionário, onde todos abordam dados similares, com dados da observação ao local estudado. A seguir serão apresentadas as sete categorias encontradas.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste trabalho, os resultados e a discussão serão apresentados no mesmo espaço, por acreditarmos que proporciona ao leitor uma maior facilidade de correlacionar e compreender os dados.

O primeiro momento da realização desta pesquisa, foi composto pela visita a escola, quando realizamos a observação. Cada momento teve a duração em média de 60 minutos. Todos foram acompanhadas pela presença da diretora que nos recebeu muito bem, além da boa recepção dos professores atuantes na sala de recursos multifuncionais, na qual foram os principais participantes da pesquisa. Durante as observações ao local estudado, pude presenciar os recursos ali existentes.

Em seu acevo, a sala de recursos conta com alguns jogos de dominó, cartazes e jogos com figuras geométricas, tudo em alto relevo, além de outros equipamentos necessários, como televisão e computador.

Podemos perceber que houveram algumas mudanças em relação a metodologia de ensino, uma delas é em relação ao ensino da Libras dentro de um contexto e não mais como algo solto, descontextualizado. Além disso, a sala é muito bem equipada o que acaba contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem, porém ainda faltam outros recursos para receber alunos com diversas deficiências. Abaixo descreveremos as categorias de análise encontradas de acordo com os dados obtidos no questionário,

### **Primeira categoria: rotina da turma**

Para obter resultados reais da pesquisa, é importante investigar a rotina do professor quanto as suas práticas de sala de aula, além da quantidade e idade dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais.

**Professora 1:** Solicitei que a professora descrevesse a rotina da turma, a mesma relata: “Trabalho como professora regente de manhã trabalho com várias turmas, no caso do sétimo ao nono ano, seria difícil descrever a rotina dessas turmas por que cada turma tem um planejamento diferenciado, agora quando fala do professor da AEE quando vou fazer atendimento educacional especializado também não teria como descrever porque cada aluno tem uma necessidade educacional especial, cada aluno é atendido de uma forma diferente, seria a rotina das turmas de professora regente. A gente geralmente trabalha com aulas expositivas de modo geral, seminários, mesas redondas, debates, utilizando slide, leituras,

projetos, é gincanas é dinâmicas em sala de aula e com o aluno do AEE a gente programa atividades diversificadas e faz um atendimento que ela possa ser coletivo ou individualizado, quando coletivo você vai por exemplo trabalhar o alfabeto móvel então se trabalha o alfabeto móvel com aluno de primeiro ou de segundo um de sétimo ano, então o aluno de segundo ano ele identifica uma imagem, ou a primeira letra de uma palavra, por exemplo o P do pato o aluno do quarto ele vai identificar a palavra, o aluno do sétimo ele vai identificar quantas sílabas tem na palavra, a rotina é mas nesse sentido e tem muitas outras atividades, e, é bem difícil de especificar, agora se eu fosse uma professora pedagoga trabalhar só com uma turma seria perfeito fazer essa rotina”.

**Professora 2:** Em continuação aos entrevistados, conversamos com outra professora que trabalha com alunos surdos, nosso foco da pesquisa, onde a mesma apontou alguns aspectos relevantes aos entraves da sala de recursos multifuncionais. Iniciamos a conversa falando da rotina da professora, onde a mesma relata: “Bom aqui a gente começa o trabalho com os alunos surdos, e quando eles chegam aqui eu deixo eles bem a vontade e aí eles vão falando o que fizeram no dia anterior e depois a gente começa a trabalhar sobre o tema. No caso eu estou trabalhando projeto agora sobre alguns temas que pensamos que vai cair no Enem. Os alunos são mais avançados, alunos de 3º anos”.

“As crianças aprendem através dessas rotinas, a prever o que fará na escola e organizar-se. Por outro lado, a existência dessas rotinas possibilita ao professor distribuir com maior facilidade as atividades que eles consideram importantes para a construção dos conhecimentos em determinado período, facilitando o planejamento diário das atividades didáticas” (LEAL, 2004, p. 02).

**Professora 3:** Conversamos também com a professora 3, sobre a rotina da sua turma e a mesma mencionou: “Atendo os alunos de segunda a quinta, nos dois turnos com atividades diferenciadas, chegando a duas horas aulas. Recebo-os na sala de recursos, com muito carinho e respeito. As aulas são também dinâmicas, com jogos, brincadeiras, músicas, vídeo e algumas atividades para desenvolver suas habilidades. ” Ao visitar a sala da professora, no momento da entrevista encontramos diversos jogos e materiais que a mesma utiliza no decorrer do atendimento, sendo a maioria confeccionada por ela mesma.

**Professora 4:** Sobre sua turma, a professora 4, discorre: “ Normalmente atendo minha turma com atividades individualmente e coletivamente. ” A professora possui muitos anos de experiência em sala de aula e relata a atenção que ela precisa ter em trabalhar de forma diferenciada. A rotina é prévia no planejamento com um trabalho intencional que o professor

mobiliza recursos didáticos em prol da aprendizagem dos seus alunos, isto quer dizer, que não é uma atividade mecânica sem contextualização. Conforme Ferreira (2012, p. 56), o professor deve dominar os conteúdos e procedimentos de ensino e ter conhecimento dos saberes prévios dos seus alunos, para planejar atividades que contribuam para o avanço da aprendizagem.

**Professora 5:** Quanto a sua rotina em sala de aula, a professora 5, diz: “Trabalho como regente de uma turma multisseriado. Procuo tornar as aulas atrativas, trabalho com cartazes, jogos, recortes e atividades fora da sala, além de filmes”. É de fundamental importância a organização na sala de aula, ou seja, o momento que o professor aplica cada atividade. Conforme Leal (2005, p. 107), para organizarmos os alunos, precisamos ter em mente o que queremos naquele momento da aula”.

### **Segunda categoria: planejamento de atividades**

**Professora 1:** Continuamos a entrevista, indagando a professora. Como ela planeja as atividades que serão desenvolvidas com seus alunos? A professora responde: “Enquanto professora regente a gente tem um planejamento que ela é quinzenal, onde a gente realiza um planejamento que é horizontal e vertical coletivamente em certo momento no horizontal a gente se reúne com os professores de histórias e fazemos nosso planejamento quinzenal. No AEE nos temos o planejamento também quinzenal, a gente se reúne senta conversa e delimita as atividades que serão desenvolvidas durante esses quinze dias”. Para Libâneo (1994, p. 80), o planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino.

**Professora 2:** Sobre o planejamento executado, a professora diz: “Eu sento com a coordenadora do NAPI que é a coordenadora dos intérpretes”. Sabemos a importância do planejamento para execução das atividades, Libâneo (1994, p. 65), destaca que o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. A escola, os professores e alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais. Tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classe. Isso significa que os elementos do planejamento escolar como objetivos, conteúdos e métodos, estão recheados de implicações sociais e têm um significado genuinamente político. Por essa razão, o planejamento é uma atividade de reflexão a cerca das

nossas opções e ações. Se não pensarmos didaticamente sobre o caminho que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade. Então, é notório sua importância para uma aula bem desenvolvida e com sucesso.

**Professora 3:** Sobre o planejamento, a professora diz, que suas aulas são planejadas com outros professores e coordenadores da escola e que além de trocas de ideias e experiências, conversa com os colegas para saber como está o desenvolvimento dos alunos.

**Professora 4:** A professora fala que muitas vezes planeja sozinha, mas também planeja com a coordenadora e os demais professores. O que nos leva a reflexão que a troca de ideias é fundamental no desenvolvimento do planejamento. Sobre o planejamento e as metodologias utilizadas em sala de aula, Libâneo (1994, p. 87) diz que os momentos didáticos do desenvolvimento metodológico não são rígidos. Cada momento terá duração de tempo de acordo com o conteúdo, com o nível de assimilação dos alunos. Às vezes ocupar-se-á mais tempo com a exposição oral da matéria, em outras, com o estudo da matéria. Outras vezes, ainda, tempo maior pode ser dedicado a exercício de fixação e consolidação. Como exemplo, pode acontecer que os alunos dominem perfeitamente os conteúdos e habilidades necessárias para enfrentar a matéria nova, nesse caso, a preparação e a introdução do tema podem ser mais breves. Entretanto, se os alunos não dispõem de pré-requisitos bem consolidados, a decisão do professor deve ser outra, gastando-se mais tempo para garantir uma base inicial de preparo através da recapitulação, pré-testes de sondagem e exercícios.

**Professora 5:** sobre o seu planejamento, a professora fala que suas atividades são planejadas com a coordenadora pedagógica e os demais professores da escola, na expectativa de troca de informações, o que certamente levará a uma diversidade de ideias. São muito os autores que discorrem sobre este assunto, Libâneo (1994, p. 44) afirma que “a preparação de aulas é uma tarefa indispensável e, assim como o plano de ensino, deve resultar em um documento escrito que servirá não só para orientar ações do professor como também para possibilitar constantes revisões e aprimoramentos de ano para ano”. Em todas as profissões o aprimoramento profissional depende da acumulação de experiências, conjugando a prática e a reflexão criteriosa sobre ela, tendo em vista uma prática constantemente transformada para melhor.

### **Terceira categoria: características das turmas**

**Professora 1:** continuando a entrevista com a professora 1, pergunto sobre as turmas que ela costuma trabalhar, a professora diz: “Com sétimos oitavos e nonos ano enquanto professora regente de história, enquanto professora de AEE eu tenho várias deficiências, várias

necessidades educacionais especiais, no caso eu trabalho com alunos DI que é deficiência intelectual, trabalho com aluno altista que está dentro dos transtornos globais de desenvolvimento e trabalho com aluno que tem dislexia e que tem microcefalia que está dentro do DI. Em sala de aula em média de 35 a 39 alunos, agora na sala do AEE como atendimento ele não pode ser abalado não pode ter muitos alunos, por que fica impossível se eu tenho uma deficiência física uma altista grave não tem como trabalhar com eles , não seria adequado juntar muitos alunos com deficiências graves, a quantidade que eu tenho de alunos é em média de 17 alunos, só que esses 17 alunos são distribuídos durante a semana, esses alunos vem duas vezes na semana e o atendimento a esses alunos é durante duas horas. Em torno de 17 alunos com necessidades educacionais especiais”.

**Professora 2:** Questionei a professora, com quais níveis de turma ela costuma trabalhar, a mesma responde: “Aqui na escola, são os alunos que vem de outras escolas. Lá na outra escola que trabalho eu trabalho como intérprete, lá eu trabalho o primeiro ano”.

**Professora 3:** Falando sobre experiência na educação especial, a professora diz que trabalha com alunos do 1º ao 5º ano, e dependendo na necessidade, atende de 1 a 4 alunos, pois a mesma tem uma clientela de 12 alunos, e estes são divididos para os dois turnos.

**Professora 4:** Sobre experiência, esta professora diz que trabalha com alunos do 1º ano, são aproximadamente com 7 anos de idade. Na sala são 28 alunos, sendo 02 alunos com Necessidades Educacionais Especiais.

**Professora 5:** Abordo a professora com a seguinte pergunta: Com qual turma você costuma trabalhar? “Trabalho com alunos de 2º e 3º ano, entre 8, 9 e 10 anos de idade. A sala se constitui de 24 alunos e apenas 1 aluno com necessidades educacionais especiais. ”

#### **Quarta categoria: experiência com Educação Especial**

**Professora 1:** Meu próximo questionamento para a professora foi: Qual a sua experiência com os alunos com Necessidades Educacionais Especiais? A professora responde: “Trabalho na inclusão desde 2010, comecei trabalhando como formadora, na sala de recurso, confeccionando recursos para os alunos, depois comecei trabalhar como formação em uma área da inclusão que é altas habilidades e depois eu vim trabalhar com a AEE, a experiência que tenho ainda é pouca porque a cada dia que a gente trabalha adquire novos aprendizados e percebe que o que a gente fazia talvez não fosse o adequado, tenho uma curta experiência mas que já foi importante na minha formação”.

**Professora 2:** Indaguei sobre a experiência profissional da professora, nas palavras da mesma: “Olha eu já trabalho nessa área há 6 anos, a libras ela sempre muda os sinais, então eu só posso dizer que sei o básico porque sempre os sinais estão diferentes”. Com a afirmação da professora, percebemos a carência de formação continuada no município, pois as mudanças são constantes, mesmo que ela se sinta apta a trabalhar com alunos com Necessidades Educacionais Especiais.

**Professora 3:** “Minha experiência é de 6 anos, atendendo essa clientela na sala de recursos. Ainda tenho muito o que aprender, pois cada ano tem algo novo”. O Parecer é seguido da Resolução que institui as diretrizes operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Resolução 04/2009 do CNE-CEB, a qual tem como artigo inicial a indicação: No que se refere à formação do professor responsável pelo AEE, as indicações da referida resolução são bastante genéricas: "o professor deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e a formação específica para a Educação Especial" (Art. 12).

**Professora 4:** Nas palavras da professora: “Tenho uma experiência boa, pois já trabalhei com esses alunos na sala comum e no AEE”

**Professora 5:** “Tenho pouca experiência, porem me esforço para atender as necessidades dos alunos”.

### **Quinta categoria: preparação para o trabalho**

**Professora 1:** Em continuação a nossa entrevista, indagamos a professora sobre sua aptidão para trabalhar com alunos com NEEs, a professora responde: “ Eu diria que me sinto apta, entretanto a formação continuada é necessária, porque a gente nunca tem os conhecimentos concretizados de uma única forma, essa formação acontece diariamente, entretanto como já trabalho já tenho experiência e tenho especialização nessa área. Eu estudei com esse público, então diria que sim, mas que preciso dessa formação continuada nessa área para aprender cada dia mais e ser um melhor profissional”.

**Professora 2:** Argumentamos se a professora se acha apta para trabalhar com alunos com NEEs a professora diz: “Sim, por esses anos todos que já tenho de experiência. ” Conforme Mazzotta (1982, p. 48):

“A sala de recursos, como o ensino itinerante, é uma modalidade classificada como auxílio especial. Como o próprio nome diz, consiste em uma sala da escola, provida com materiais e equipamentos especiais, na qual um professor

especializado, sediado na escola, auxilia os alunos excepcionais naqueles aspectos específicos em que precisam de ajuda para se manter na classe comum. O professor da sala de recursos tem uma dupla função: prestar atendimento direto ao aluno e indireto através de orientação e assistência aos professores da classe comum, às famílias dos alunos e aos demais profissionais que atuam na escola. Mediante esta modalidade de atendimento educacional, o aluno é matriculado na classe comum correspondente ao seu nível de escolaridade. Assim sendo, o professor especializado deve desenvolver o seu trabalho de forma cooperativa com os professores de classe comum”.

**Professora 3:** Quanto a sua aptidão, a professora diz que se acha apta, pois tem procurado estudar e se informar através de cursos e treinamentos realizados por parte da equipe do NAPI (Núcleo de Apoio a Inclusão).

**Professora 4:** A professora diz que se sente apta a trabalhar com alunos com NEEs.

**Professora 5:** Em continuação a pesquisa, questionamos, se a professora se sente apta a trabalhar com alunos com NEEs. A mesma responde: “Infelizmente não, tenho bastantes dificuldades, pois a escola onde trabalho não tem sala de recursos multifuncionais, então todos os materiais necessários para trabalhar com esses alunos, tenho que confeccionar em casa”.

#### **Sexta categoria: formação profissional**

**Professora 1:** Sobre formação profissional, perguntamos a professora como ela avalia sua formação profissional. Depois de uma rápida reflexão, a mesma responde. “Olha eu avalio como boa, porque eu tive trabalho na área que fui formada. Como já falei para ti sou formada em história e biologia com especialização na área de educação inclusiva e durante 3 anos fiz bastante cursos no NAPI, núcleo de apoio pedagógico a inclusão, no geral digo que minha formação profissional é boa, no entanto tem que melhorar a cada dia.”

O professor consciencioso deverá fazer uma avaliação da própria aula. Sabemos que o êxito dos alunos não depende unicamente do professor e do seu método de trabalho, pois a situação docente envolve muitos fatores de natureza social, psicológica, o clima geral da dinâmica da escola etc., entretanto, o trabalho docente tem um peso significativo ao proporcionar condições efetivas para o êxito escolar dos alunos. (LIBÂNEO, 1994, P.37).

**Professora 2:** Falando um pouco de sua formação profissional a professora diz que avalia como muito boa.

**Professora 3:** Quanto a formação profissional, a professora diz que é boa, pois procura inovar a cada dia e desenvolver um trabalho de qualidade.

**Professora 4:** É de grande valia que cada profissional faça uma auto avaliação sobre sua formação profissional, e esta professora diz que acha a dela regular. Segundo LIBÂNEO (1994, 32):

Ao fazer a avaliação das aulas, convém ainda levantar questões como estas: Os objetivos e conteúdos foram adequados à turma? O tempo de duração da aula foi adequado? Os métodos e técnicas de ensino foram variados e oportunos em suscitar a atividade mental e prática dos alunos? Foram feitas verificações de aprendizagem no decorrer das aulas (informais e formais)? O relacionamento professor-aluno foi satisfatório? Houve uma organização segura das atividades, de modo ter garantido um clima de trabalho favorável? Os alunos realmente consolidaram a aprendizagem da matéria, num grau suficiente para introduzir matéria nova? Foram propiciadas tarefas de estudo ativo e independente dos alunos?

**Professora 5:** Ainda sobre avaliação da formação, a professora diz que avalia sua formação como pedagoga muito boa, porém sente necessidade de formação continuada para lidar com alunos com NEEs, pois em sala de aula, ela se vê na obrigação de fazer algo que não está voltado para a sua prática.

### **Sétima categoria: dificuldades enfrentadas com o aluno e a escola**

**Professora 1:** Sobre as dificuldades específicas encontradas com esses alunos, a professora diz: “Olha dificuldades a gente tem bastante né, como a gente tem em qualquer lugar de trabalho, em qualquer público de trabalho, mas com o atendimento especial especializado nós estamos tratando com pessoas que já tem uma necessidade educacional especial. Por exemplo uma dificuldade que a gente encontra muitas vezes é a parceria da família em acreditar no aluno, da família falar assim: não ele tem necessidade especial mas ele pode. Eu vou incentivá-lo eu vou acreditar nele. Conforme pesquisa realizada com crianças com Paralisia Cerebral (TEPERINO, 2014) afirma que:

“Para o processo de aprendizagem acontecer é essencial que a pessoa acometida pela PC esteja bem equilibrada emocionalmente, portanto, quanto maior e melhor for o contato

afetivo, maiores serão as experiências sensoriais, promovendo um maior desenvolvimento cognitivo. A família tem um papel fundamental na estimulação do ambiente no qual este indivíduo está inserido. Portanto, é fundamental que o casal saiba enfrentar a condição de seu filho de maneira harmoniosa”.

“Outra dificuldade grande que a gente encontra é o próprio aluno, porque as vezes o aluno se acomoda. Eu tenho necessidade especial então não posso ser um advogado uma juíza porque eu tenho essa limitação. Então tem que acreditar. Tem outras dificuldades também, como exemplo a questão de recursos e formações que a gente precisa ter continuamente né. A questão de como avaliar o aluno a questão de acessibilidade as vezes de o aluno ir a outros lugares”.

**Professora 2:** Posteriormente conversamos sobre as principais dificuldades encontradas no dia a dia da escola, a professora responde: “Bom falando como professora regente né a dificuldade que a gente encontra hoje na sala de aula com relação aos alunos é a questão da indisciplina, hoje tem sido uma questão que bate de frente o aluno está interessado e hoje enquanto professora eu me sinto na função de estimular meu aluno, de levantar a problematização de questionar o meu aluno, que ele seja curioso que ele busque, que ele seja crítico que ele seja reflexivo, então essa grande dificuldade hoje de você trazer o aluno pra questão da problematização da criticidade né é difícil hoje na sala de aula né. E a dificuldade hoje advém de um apoio não familiar, advém da indisciplina, advém da falta de interesse. E outra dificuldade que a gente encontra é como profissional, porque na área de história que eu estou falando não tem formações, então você fica limitado né pra inovar pra criar e com relação ao AEE as principais dificuldades encontradas no dia a dia aqui na escola é essa questão da acessibilidade não sei se você percebeu a gente sobe duas escadas pra chegar na sala de AEE então essa questão acessibilidade é complicado, e outra questão é a questão de recursos, a gente tem mas poderia ser melhor e a questão talvez da parceria dos pais pois falta uma grande parceria dos pais principalmente daqueles alunos que estão com dificuldade na escolas nas notas”.

Questionei sobre algumas dificuldades especificas com esses alunos, a professora diz; “eu encontro sim, porque tem alguns deles que não aceitam a surdez, e ai eles não querem aprender a Libras, então tenho dificuldade porque eles não sabem a libras e aí fica ruim de comunicar”.

**Professora 3:** Em continuação aos questionamentos, a professora fala das suas dificuldades com esses alunos, diz que existem dificuldades como a falta de apoio por parte dos pais e a falta de material adequado para trabalhar com alunos com deficiências, relata também que

sente necessidade de um ambiente tranquilo e adequado. Além dessas, a maior dificuldade é a infrequência de alguns alunos, pois os pais não têm muito interesse em mandar os filhos para a sala recursos multifuncionais.

**Professora 4:** Quanto as dificuldades enfrentadas, a professora diz que falta formação específica em Libras para trabalhar com os surdos. Além da acessibilidade com os alunos que possuem limitações físicas, pois a escola não oferece estrutura adaptada.

**Professora 5:** A professora diz que existem muitas dificuldades, como por exemplo: falta de material adequado, acesso à escola e cuidadores/monitores para auxiliar. Além da falta de um ambiente adequado, a ausência da família no ambiente escolar e o acesso adaptado a esses alunos.

Finalizamos conversando sobre as dificuldades encontradas no dia a dia da escola, nas palavras da professora: “Aqui eu não tenho muita dificuldade, mas já lá outra escola eu tenho, porque os professores não trabalham com a adaptação entendeu, então na hora de fazer uma prova eu sento com o surdo e a prova do surdo é igual a do ouvinte e não pode tem que ser uma prova adaptada e aí é muito difícil para ele. Ele tem que ter um tempo a mais que os outros e aí a prova tem que ser mais objetiva e na hora de escrever ele sente muita dificuldade com a língua portuguesa”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como professores, entendemos que a inclusão envolve oferecer serviços de suporte e permitir que o aluno se beneficie de estar na sala de aula comum. A educação inclusiva favorece novas formas de oferta de serviços educacionais para atender a grande diversidade que é uma comunidade escolar. Para que um sistema educacional inclusivo seja bem-sucedido, é necessário o envolvimento de toda a comunidade escolar no processo de transição ou ingresso de um aluno que antes se encontrava em programas especiais ou sem frequentar a escola.

O público alvo exige uma reestruturação da escola que deve ampliar as oportunidades de participação de todos de forma a responder as necessidades educacionais de seus alunos. Com isso, constatamos que o atendimento especializado aos alunos com NEE deve ser realizado em espaços adequados e adaptados, contendo mobiliário, material pedagógico e equipamentos apropriados ao trabalho a ser desenvolvido de acordo com as necessidades do aluno. Ainda existe e falta de materiais pedagógicos adaptados a diversas deficiências, como jogos, brinquedos, cartazes, filmes, músicas etc.

O que observamos no decorrer da análise dos questionários, é que são muitos os entraves da sala de recursos multifuncionais, além da falta de acesso e recursos, o acompanhamento da família é ausente, o que compromete parte do desenvolvimento dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas professoras diz respeito à pobreza quanto ao vocabulário linguístico, uma vez que o surdo desconhece o significado de muitas palavras, precisando o professor promover uma situação específica, muitas vezes exemplificando para que ele possa compreender dentro de um contexto de fala.

Outra dificuldade que podemos destacar é a ausência da família, que além de não se dedicarem o suficiente, passam a desacreditar na capacidade dos filhos, passando a eles pensamentos negativos. É de fundamental importância que aconteça um acompanhamento da família, para o desenvolvimento desses educandos, assim, a família precisa se conscientizar da sua importância no processo de aprendizagem do aluno.

Falando do ensino aos alunos com deficiência auditiva, a linguagem metafórica também é uma dificuldade, pois ele não compreende o que está por traz do jogo de palavras. Exemplo: “João é um gatinho. ”, nessa situação, o aluno surdo não saberá que gatinho está sendo utilizado para dizer que João é um homem bonito. O intérprete terá que buscar uma

maneira de transmitir a informação eliminando esta linguagem figurada e utilizar uma linguagem denotativa. Exemplo: “João bonito.”

As interações aluno/intérprete, intérprete/professor e intérprete/professor/aluno são extremamente importantes, pois é através do relacionamento saudável que resulta a satisfatória aprendizagem do aluno. O professor deve sempre procurar adequar sua metodologia as limitações do seu aluno e o intérprete deverá ser um mediador entre docente e discente. Durante o planejamento é necessário que o intérprete se faça presente para sugerir algumas mudanças e adequações para o bem-estar do educando e para que esteja familiarizado com o trabalho a ser realizados nos próximos dias, podendo, assim, manter-se preparado caso surja alguma questão que ele desconheça.

Durante a entrevista com uma das professoras regentes da sala de recursos, a mesma reafirma a importância desta interação dos intérpretes e afirma que o aluno tem maior possibilidade de alcançar o êxito, pois se sente mais incluído no ambiente escolar, chegando muitas vezes a esquecer as diferenças.

Acreditamos que a educação inclusiva depende de funcionários especializados, especialmente professores, devido a estes serem os mediadores mais diretos do ensino-aprendizagem e, principalmente, deve haver uma capacidade ética/política de todos na construção de um cotidiano com múltiplas diferenças. Nele, o aluno com NEE vivencia e evidencia o seu processo biopsicossocial e estabelece suas relações sujeito x objeto.

Na relação professor/aluno, o professor é o mediador privilegiado, numa relação intersubjetiva que não coloque o aluno como objeto que recebe ou como sujeito passivo. A relação precisa ser dinâmica e dialética do aprender e ensinar que promove o progresso de cada um e do dia a dia. Nessa relação de desenvolvimento, a adaptação escolar do aluno torna-se mais efetiva e se estabelece uma cumplicidade responsável em que algo transcende a relação professor versus aluno: o objeto de mediação. A progressão acadêmica do aluno, o desenvolvimento de suas habilidades adaptativas e a vida na escola constitui uma significativa oportunidade de crescimento pessoal e social e nunca fatores impeditivos do desenvolvimento global do educando.

Considerar uma pessoa diferente por que ela apresenta algum tipo de Necessidade Educacional Especial é inadmissível, pois vivemos atualmente em uma sociedade inclusiva. A escola é um espaço de todos, pois os educandos têm a oportunidade de desenvolver globalmente em seus aspectos físicos, sociais, emocionais e intelectuais, a partir da interação com o meio, sendo que a exclusão não promove a justiça social, impondo assim situações de violência e opressão. Dessa forma, o desenvolvimento dos processos constitutivos de

cidadania deve ser meta principal, pois a partir dela os educadores poderão despertar a questão do respeito as diferenças, amor ao próximo e espírito de solidariedade. Todavia, um tema muito discutido atualmente, merece um olhar mais amplo por parte dos pesquisadores, além deste, é importante outros estudos realizados nesta área, que servirão de embasamento teórico para outros pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

DAMAZIO, Mirlene Ferreira Macedo. *Atendimento Educacional Especializado - Pessoas com surdez*. Brasília/DF, 2007.

FERNANDES, S. Letramento na educação bilíngue para Surdos. In: BERBERIAN, A. et. Al. (Org.). **Letramento**. Referências em saúde e educação. São Paulo: Plexus, 2006<sup>a</sup>.

FERNANDES, S. **Critérios diferenciados de avaliação na Língua Portuguesa para estudantes surdos**. 2 ed. Curitiba: Seed/ Sued/ DEE, 2002. Disponível em: [HTTP://www.diaadiaeducação.pr.gov.br/portals/portal/institucional/dee/dee\\_surdez.p hp](HTTP://www.diaadiaeducação.pr.gov.br/portals/portal/institucional/dee/dee_surdez.p hp). Acesso em: 28 jun.2007.

FERNANDES, E. M. **Educação para todos, saúde para todos: a urgência da adoção de um paradigma multidisciplinar nas políticas públicas de atenção a pessoas portadoras de deficiências**. Benjamin Constant, Rio de Janeiro, ano 5, n. 14, p. 3-10,1999.

FERREIRA, A. T. B.; As rotinas da escola e da sala de aula; Referencias para o trabalho do professor alfabetizador. Brasília, 2012.

LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C.; MORAES, A. G. de; Letramento e Alfabetização: pensamento a prática pedagógica. In: Brasil. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos. Inclusão para crianças de seis anos de idade**. Brasília, MEC, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

PLETSCH, M. D. Repensando a inclusão escolar: Diretrizes Políticas, práticas curriculares e deficiência intelectual. Rio de Janeiro: Nau: 2010.

POKER, R. B. **Troca simbólica e desenvolvimento cognitivo em crianças surdas: uma proposta de intervenção educacional**. Tese de doutorado. UNESP – Marília, 2002.

STAINBACK, Suzan – STAINBACK Willian. **Inclusão: Um Guia para Educadores**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Medicas Suk. 1999.

MONTOAN, Maria Teresa E. **Ser ou Estar: eis a questão**. Explicando o déficit intelectual. Rio de Janeiro. WVA, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Desafio à Escola Inclusiva: Educação Bilíngue para Surdos.** Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/1423813/O-DESAFIO-A-ESCOLA>

[INCLUSIVAEDUCACAO-BILINGUE-PARA-SURDOS](#). Acesso em: 15 jun. 2009 a.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988. REVISTA INTEGRAÇÃO BRASÍLIA DF: Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação Especial. Ano 08 – nº 20 – 1988.

**Rev. bras. linguist. apl. vol.14 no.4 Belo Horizonte Oct./Dec. 2014 Epub Sep 09, 2014**

REVISTA GESTÃO EM REDE (Agosto de 2002) **Como realizar o Ensino Inclusivo.**

Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, 1996.

TEPERINO, Ana Paula Pertussati. **A relação conjugal em famílias com um filho com Paralisia Cerebral.** 2014. 108 folhas. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.

<http://deficiencia.no.comunidades.net/index.php?pagina=1400768552>

<http://saci.org.br>

## APÊNDICE

### Apêndice A – Entrevista semiestruturada

#### I. Dados de identificação do professor:

Sexo:

Idade:

Formação:

Cargo:

Tempo de trabalho na área de docência em anos?

Carga horária de trabalho diária:

#### II. Questões relativas à prática pedagógica da escola e do professor:

1. Descreva a rotina da sua turma? E da escola? (Explorar o conjunto de atividades que normalmente acontecem no dia-a-dia da turma/escola.)
2. Como você planeja as atividades que serão desenvolvidas com seus alunos? Sozinho? Junto com outros professores e/ou coordenadores?
3. Com qual turma você costuma trabalhar? (Especificar a idade ou série dos alunos com os quais costuma trabalhar.)
4. Qual a quantidade de alunos em sala de aula?
5. Qual a quantidade de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEEs)?
6. Qual a sua experiência com alunos com NEEs?
7. Você se sente apto para trabalhar com alunos com NEEs?
8. Encontra alguma dificuldade específica com esses alunos? Quais?
9. Como você avalia sua formação profissional?
10. Quais as principais dificuldades encontradas no dia a dia na escola?

## ANEXOS

### Anexo A: Carta de apresentação



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

**Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB**

**Polo:** \_\_\_\_\_

**Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a)** \_\_\_\_\_

**Instituição:** \_\_\_\_\_

#### Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S<sup>a</sup> o(a) cursista pós-graduando(a) \_\_\_\_\_ que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
 Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diva Albuquerque Maciel**

## Anexo B: Aceite institucional



Universidade de Brasília – UnB  
 Instituto de Psicologia – IP  
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS  
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

### Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. \_\_\_\_\_ (nome completo do responsável pela instituição),  
 da \_\_\_\_\_ (nome da instituição) está de acordo com a realização da pesquisa

\_\_\_\_\_ de responsabilidade do(a) pesquisador(a) \_\_\_\_\_, aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre. \_\_\_\_\_.

O estudo envolve a realização de \_\_\_\_\_ (entrevistas, observações e filmagens etc) do atendimento \_\_\_\_\_ (local na instituição a ser pesquisado) com \_\_\_\_\_ (participantes da pesquisa). A pesquisa terá a duração de \_\_\_\_\_ (tempo de duração em dias), com previsão de início em \_\_\_\_\_ e término em \_\_\_\_\_.

Eu, \_\_\_\_\_ (nome completo do responsável pela instituição), \_\_\_\_\_ (cargo do(a) responsável do(a) nome completo da instituição onde os dados serão coletados, declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

\_\_\_\_\_ (local), \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ (data).

\_\_\_\_\_  
 Nome do (a) responsável pela instituição

\_\_\_\_\_  
 Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição

## Anexo C: Termo de consentimento livre e esclarecido



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

---

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre \_\_\_\_\_. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de \_\_\_\_\_.  
(*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como \_\_\_\_\_ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone \_\_\_\_\_ ou no endereço eletrônico \_\_\_\_\_. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do Professor

Nome do Professor: \_\_\_\_\_

E-mail(opcional): \_\_\_\_\_